

**João Português**
Natural de Cuba
43 anos
Licenciaado em Serviço Social
Presidente da CM Cuba eleito pela CDU

# Entrevista

## Passivo leva a que 50 por cento das verbas para investimento se convertam em obrigações

# Dívida consome mais verbas que educação, cultura e desporto

**Perto de 50 por cento das verbas consignadas ao investimento no município de Cuba estão consignadas ao pagamento de dívidas. O que, em termos orçamentais, representa mais que as dotações para a educação, cultura e desporto, em conjunto. João Português reconhece que 2015 vai ser um "ano complicado" e que a autarquia está a ser gerida "com pinças". Os problemas financeiros da autarquia de Cuba no centro de uma entrevista onde também sobe à conversa a herança dos anteriores executivos municipais, a falta de estratégia para o aeroporto de Beja, as más acessibilidades viárias e ferroviárias, o encerramento de escolas primárias e, claro, a candidatura do cante a Património da Humanidade, numa terra que se intitula a "catedral do cante".**



Texto **Paulo Barriga**
Fotos **José Ferrolho**

**Para chegar à presidência da Câmara de Cuba, o João Português candidatou-se por três vezes. Valeu a pena a persistência?**
Penso que sim. Embora a experiência e os contactos até este momento sejam relativos. Estamos na autarquia há pouco tempo e os primeiros passos têm sido no sentido de perceber o processo e perceber também os problemas existentes na câmara. Estamos numa fase de reorganização dos serviços, de expansão de alguns serviços, de remodelação de horários… Mas penso que valeu a pena a persistência, embora o mais importante não tenha sido atingir o sucesso ao chegar até aqui, mas sim tentar implementar o projeto que temos pensado para Cuba e para o concelho.

**Enquanto "novato" nestas andanças autárquicas, quais foram as maiores dificuldades que sentiu na assunção deste cargo. Tem sentido muita oposição?**
Aquilo que mais me surpreendeu foi a forma como encontrámos a câmara, bastante deteriorada nalguns setores. Foram alguns anos de desleixo que levaram a que encontrássemos a câmara, em várias áreas, numa situação delicada. O nosso primeiro ano de mandato foi exclusivamente virado para resolver os problemas que existiam, das carências, e também virado para os trabalhadores e para a criação de condições de trabalho que eram poucas ou mínimas. Além disso, tentámos neste primeiro ano projetar o resto do mandato para aquilo que possa ser um ciclo importante no desenvolvimento do concelho com a gestão da CDU.

**Esses "anos de desleixo", como afirmou, denotam uma crítica muito forte aos anteriores executivos municipais. Houve, em sua opinião, um abandono de responsabilidades?**
Na parte dos equipamentos, dos edifícios municipais, houve algum desleixo. Tivemos que praticamente equipar os estaleiros com novas máquinas… Chegámos ao ponto de não ter nada para trabalhar, estamos a falar de matéria-prima simples, como tijolos, areias, cimentos, computadores na biblioteca, só para exemplificar. Em nove computadores na biblioteca só funcionavam três e encontrámos isto por todo o lado. Nas piscinas municipais a maquinaria que existia funcionava a 30 por cento… Quando me refiro a "desleixo", refiro-me a estes pormenores que parecem de pequena importância, mas que, no dia-a-dia, afetam a motivação dos trabalhadores e causam-lhe algum desconforto. Não quero com isto dizer que não tenha havido investimento no concelho ou que o concelho não se tenha desenvolvido nos últimos anos, não é isso que digo.

**Afinal, que projeto é que a CDU tem para Cuba?**
Desde logo, tem a ver com o olhar sobre o território como um todo. Aquilo que se passou antes foi que o concelho de Cuba era visto muito com base na sede do concelho e isso era muito sentido nas freguesias rurais. Sofremos uma forte desertificação, obviamente que tal não teve a ver apenas com as políticas locais. Mas, nos últimos 10 anos, perdemos 25 por cento da população numa só freguesia, Vila Ruiva, porque não houve investimento nenhum. E estas coisas, claro, pagam-se e têm as suas repercussões. Estamos a criar uma feira temática em cada uma das freguesias, começámos a recuperar algum património cultural e também temos programado e vamos começar as primeiras obras. Já estamos no terreno. Isto mostra, desde logo, uma política distinta daquela que tinha sido seguida até aqui. Neste momento o município de Cuba tem no terreno quatro projetos comunitários que candidatámos logo numa primeira fase quando chegámos ao município. Nunca o município de Cuba teve quatro projetos comunitários no terreno ao mesmo tempo direcionados para as freguesias rurais.

**Estão em marcha quatro projetos candidatados aos fundos comunitários… A autarquia tinha tesouraria para tanto? Como é que estão**

> Tínhamos um passivo de 10 milhões de euros, com uma dívida de médio e longo prazo muito elevada. Só para dizer que cerca de 50 por cento das nossas verbas de investimento para o ano de 2015 estão consignadas ao pagamento da dívida e isso levanta-nos alguns problemas. O próprio pagamento da dívida representa mais no nosso orçamento municipal do que a educação, a cultura e o desporto, os três juntos.



## Requalificação da zona envolvente à Ermida de São Sebastião

**A autarquia terminou recentemente as obras de requalificação do Rossio de São Brás, no coração do qual está edificada a Ermida de São Sebastião. Trata-se de um templo fundado em 1654, no preciso local onde cerca de um século antes D. Sebastião havia dado ordem de construção para uma pequena capela em homenagem ao santo homónimo. É um local de culto austero, como não poderia deixar de ser nesta região, onde se destacam, no altar-mor, a imagem setecentista do santo padroeiro. Os arranjos agora efetuados passaram pelo nivelamento do terreno e respetiva pavimentação, iluminação e mobiliário urbano exterior. Foi igualmente reposicionado, após obras de restauro, o chafariz do Rossio de São Brás.**

**as contas da câmara?**
É verdade, esse investimento tem-nos causado muitos problemas. Vai ser um ano complicado porque toda a parte de capital vai ser direcionada para estes projetos e isso vai obrigar-nos a um esforço financeiro enorme e a gerir a câmara com pinças. Se realmente tivermos alguma surpresa, uma avaria num autocarro, se calhar não estamos em condições de proceder a essa reparação. Foi um risco que fizemos, sabendo que estes projetos das freguesias rurais, nomeadamente alguns de reabilitação urbana, não estavam disponíveis no Portugal 2020, pelo menos não estão previstos nos regulamentos… Ou arriscávamos e avançávamos ou ficávamos sem eles nas freguesias.

**Mas como está a situação financeira do município?**
Quando chegámos tivemos a preocupação de fazer um levantamento exaustivo sobre a situação da autarquia. Tínhamos um passivo de 10 milhões de euros, com uma dívida de médio e longo prazo muito elevada. Só para dizer que cerca de 50 por cento das nossas verbas de investimento para o ano de 2015 estão consignadas ao pagamento da dívida e isso levanta-nos alguns problemas. O próprio pagamento da dívida representa mais no nosso orçamento municipal do que a educação, a cultura e o desporto, os três juntos. Quando temos já afeta essa verba, não podemos investir em áreas que consideramos prioritárias e aí causa-nos algum transtorno, como é óbvio.

**E como evoluiu a dívida neste primeiro ano de mandato?**
Foi um ano importante em termos de abatimento de dívida. Conseguimos reduzir meio milhão de euros no passivo, trezentos e poucos mil euros de médio e longo prazo e cerca de cento e tal mil euros de curto prazo, apesar de termos posto estes projetos todos no terreno. E há outra situação, estes projetos foram todos realizados pela autarquia e pelos técnicos da autarquia, isso foi outra política que mudámos, porque as pessoas viam diminuídas as competências e não lhes era dada motivação. Situação que não se verificava até aqui.

**Isso gerou poupanças?**
Houve poupanças muito significativas. Chegámos a encontrar no município alguns projetos repetidos contratados a empresas distintas… Estudos prévios iguais a projetos, encontrámos algumas situações destas, com verbas que acabaram por ser gastas não muito equilibradamente.

**Já que estamos a falar no território num todo, Cuba está muito expectante em relação ao do aeroporto de Beja, considera que o desenvolvimento do concelho irá passar ou poderá passar por aí?**
A situação do aeroporto preocupa-nos. Inclusive já tivemos uma reunião com o novo diretor e ainda fiquei mais preocupado quando ele nos perguntou qual era a nossa visão do aeroporto.

**Ele não tinha uma visão própria?**
Exatamente, essa é que é a questão. Chegámos à conclusão que aquele senhor que tinha aqui caído de paraquedas vinha-nos questionar sobre o que queríamos para o aeroporto. E aquilo que lhe perguntei foi: e qual é a visão que a ANA tem para o aeroporto? O que é que pretende fazer? Verificou-se que não há visão nenhuma. O aeroporto de Beja não é uma prioridade, não tem sido, não é e não vai ser e, com este Governo, de certeza que se vai manter assim. Vamos esperar que, com as novas eleições, possa haver uma visão política, porque o aeroporto faz-nos falta. Cuba está estrategicamente colocada. Acho que é dos concelhos que tem mais a ganhar com isso. Temos o parque empresarial junto ao aeroporto que tem tido procura relevante. Cerca de 50 por cento do parque está reservado. Infelizmente estamos numa fase de transição entre quadros comunitários, o que nos tem causado alguns problemas. Mas estou convencido que a realidade do parque empresarial de Cuba nos próximos três anos vai ser completamente distinta.

**Bom, não tendo a ANA estratégia para o desenvolvimento do aeroporto de Beja, qual é então a visão do município de Cuba?**
A estratégia do aeroporto deve ser integrada com a EDIA e o Alqueva. O Alentejo tem neste momento condições ímpares para começar a colocar em funcionamento o regadio e a exportação de produtos. Tem de ser uma estratégia integrada de planeamento a nível da agro-indústria.

**Como é que o presidente da autarquia de Cuba, uma vila ferroviária, encara a degradação a que chegou a linha férrea do Alentejo?**
Com muita preocupação. Atualmente os serviços prestados em termos de qualidade, segurança e regularidade deixam muito a desejar. Muitas das composições existentes não têm as mínimas condições de conforto e os utentes chegam sistematicamente atrasados aos seus compromissos e aos locais de trabalho. Temos efetuado algumas diligências no sentido de resolver a situação mas não obtivemos, até ao momento, nenhuns resultados práticos. Esta situação resulta do claro desinvestimento que tem vindo a ser feito na linha ferroviária nacional e que levou ao abandono da ligação Beja-Lisboa, como resultado da não eletrificação da linha, fruto da habitual pressão dos lóbis políticos que sempre têm preterido o Baixo Alentejo.

**O município de Cuba esteve bastante envolvido no dia de luta pelo IP2 e IP8. O estado em que se encontram as estradas da região está a prejudicar de alguma forma o desenvolvimento do concelho?**
Não tenho dúvidas disso. E tive a oportunidade de o dizer ao senhor secretário de Estado dos Transportes no dia em que estivemos em Lisboa. A questão que ele nos colocava era que o IP8, com perfil de autoestrada, não tinha movimento de viaturas que justificasse o investimento e eu próprio perguntei: estou neste momento em negociação com uma empresa que pode criar 300 postos de trabalho diretos e mil indiretos, isto não é investimento? Isto não deve ser contabilizado nas infraestruturas? O IP8 e o IP2 são fundamentais para a região. É impossível haver investimento, é impossível haver fixação de empresas, com estradas esburacadas e pontes a cair. Isto não pode ser contabilizado apenas pelo número de carros que por aqui passam, tem de ser contabilizado também todo o investimento que pode vir parar ao Alentejo e há muita gente interessada em investir no Alentejo. Mas as infraestruturas e as acessibilidades não dão condições… É difícil investir aqui.

**Os alunos da Escola de Cuba estão mais motivados desde que os livros foram substituídos por *tablets*. É uma inovação nacional que está a ser testada num concelho que também está a braços, por outro lado, com o encerramento de escolas…**
Não há nada melhor do que o ensino de proximidade. A escola de Cuba tem sido pioneira nos projetos que tem implementado. É uma escola importante no distrito de Beja porque tem feito um trabalho muito bom. No entanto, não nos podemos esquecer da questão das freguesias rurais. Tivemos a situação do encerramento da escola de Vila Ruiva, que foi para nós o ponto negativo do ano de 2014. É uma situação que ainda temos alguma esperança de se poder reverter. Estamos a estabelecer alguns contactos… A criação das superescolas, de agrupamentos, leva a perda da escola de proximidade que é muito importante para as comunidades mais pequenas…

**Em tempos referiu que Cuba era a catedral do cante e por isso tinha responsabilidades acrescidas. Sente que o cante de Cuba foi dignificado na candidatura do cante a património da humanidade?**
Acho que o processo foi mal gerido pelo anterior executivo da Câmara de Cuba. Neste tipo de situação não devemos ficar de fora. Sair do barco e agitar a bandeira a dizer "estamos aqui e precisamos de atenção", parece que não é uma boa solução. O município de Cuba tinha muito mais a ganhar no processo do cante se o tivesse integrado desde a primeira hora. Temos responsabilidades acrescidas. Somos a "catedral do cante" e também queremos ter voz e queremos ser ouvidos. Tínhamos tido muito mais a ganhar, combatendo o movimento que existia. Excluirmo-nos não foi a decisão mais acertada. Estamos a acompanhar a questão da salvaguarda e estamos neste momento a tentar integrar a comissão. Obviamente que temos de lutar contra o tempo perdido, mas estou convencido que vamos ganhar esta batalha e que o município de Cuba, em termos de cante, vai ser ainda mais conhecido.